

Dhlakama dirige-se a “radicais da Frelimo” e alerta que violações estão a diluir o peso da trégua

# “Dêem liberdade a Nyusi para negociar a paz”

Por André Catueira

O líder da Renamo, Afonso Dhlakama, alertou que as provocações e violações à trégua estão a “diluir” o peso do cessar-fogo de 60 dias entre o Governo e o principal partido da oposição e que termina a 5 de Março. Dirigindo-se aos “radicais da Frelimo”, apelou para que “dêem liberdade a (Filipe) Nyusi (no seu esforço) para negociar a paz”, salientando que, com a chegada dos mediadores internacionais esta semana, abrem-se portas para o alcance de um terceiro acordo de paz durante a vigência da trégua e poderá regressar a Maputo para a vida política activa entre Março e Abril, para que também o partido se prepare para as eleições autárquicas de 2018.

Numa entrevista ao SAVANA, além de avaliar os primeiros 15 dias da trégua de dois meses, iniciada a 3 de Janeiro, Afonso Dhlakama fez um prognóstico após os 60 dias e manifestou esperança de um consenso para um terceiro acordo de paz, que lhe vai permitir regressar a Maputo, e que os seus membros saiam dos esconderijos.

Como avalia a trégua?

Em termos de cumprimento da trégua, posso dizer que a coisa está a andar. Não esperávamos que andasse desta maneira, mas está a andar normalmente, tirando algumas violações, por parte da Polícia, das fademos (Forças Armadas) e da FIR (Intervenção Rápida) em áreas isoladas.

Mas em geral, em termos de cumprimento, não provocar a Renamo, posso dizer até que, pela primeira vez, a Frelimo está a tentar cumprir. Se formos a fazer uma comparação com o cessar-fogo de 1992, quando assinei o Acordo Geral de Paz, com o ex-presidente Joaquim Chissano, a Frelimo continuou, por quase um mês, ou 35 dias, a atacar as forças da Renamo. Mesmo quando assinei com o ex-presidente Armando Guebuza, em 5 de Setembro de 2014, os militares governamentais continuaram a violar, provocar, atacar, mas, desta vez, não posso mentir, não houve nenhuma posição da Renamo, depois de termos anunciado a trégua, que tenha sido atacada pelas forças governamentais.

Mas há aquelas violações, em que se rapta um membro da Renamo que está a andar por aí. Isso o nosso porta-voz do partido, o António Muchanga, já reportou por várias vezes, embora os comandos provinciais da Polícia, como de Tete e de Manica, andem a desmentir. Mas isso é verdade, porque o que Muchanga tem dito é aquilo que o partido reporta e ele, na qualidade de porta-voz, tem reportado aos órgãos de comunicação social.

Posso aqui detalhar. Temos agora, depois que cessamos fogo, na semana passada, quatro desmobilizados nossos, que saíram dos distritos de Ile e Lugela, na província da Zambézia, em direcção à base em Morrotone, portanto, saíram das suas casas desarmados, porque são pessoas civis, e porque desceram perto duma posição das fademos (FADM) e FIR de Morrotone, foram raptados e desapareceram até hoje.

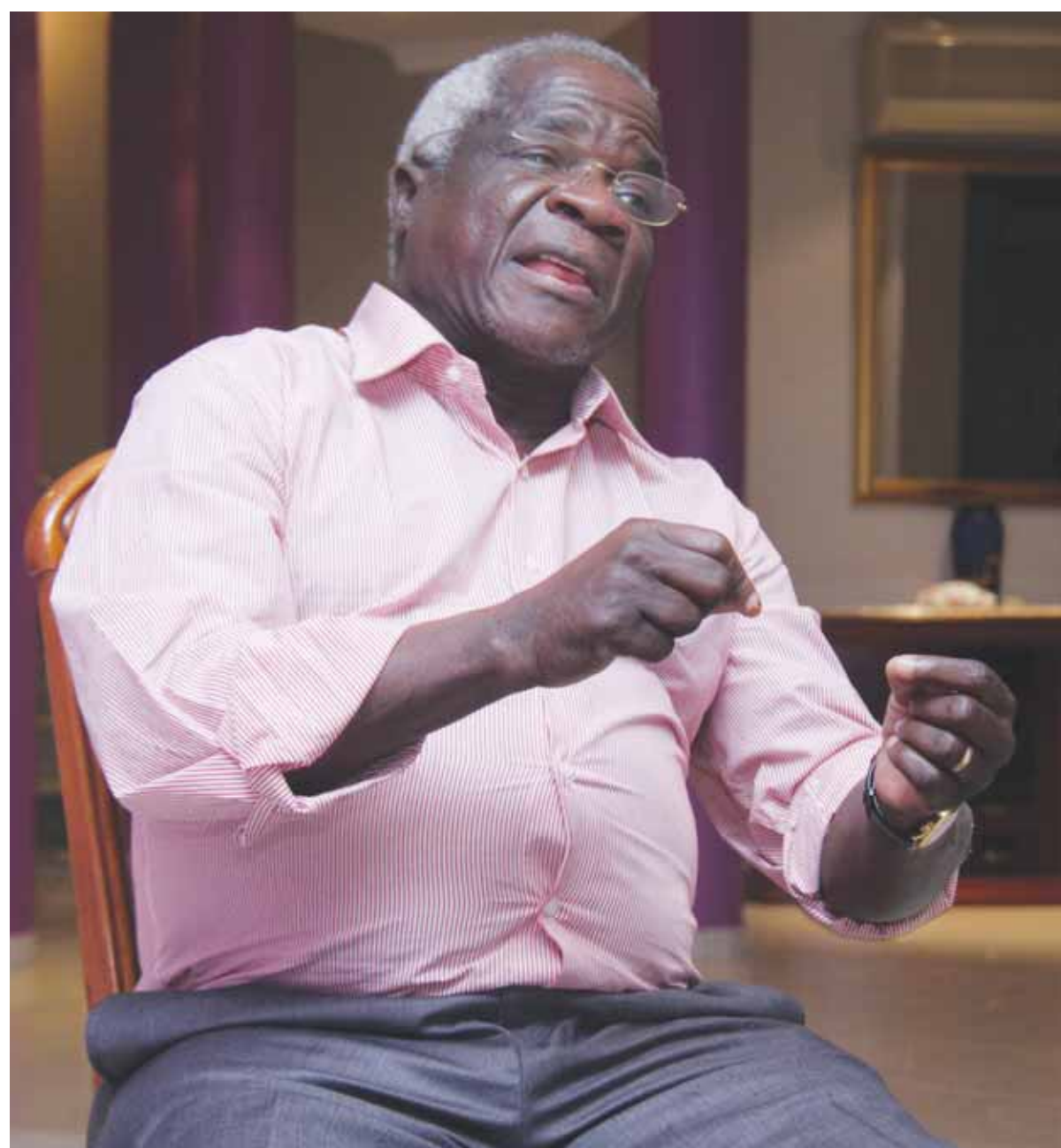
É há três dias foram pegos elementos da população e desapareceram, sendo que neste momento os seus familiares estão à sua procura, na mesma posição de Morrotone, quase na EN1, perto do cruzamento

que liga Ile à estrada nacional.

Aqui mesmo na Gorongosa, tem havido problemas sérios, mas nós temos trégua para as pessoas andarem livremente. No entanto, as pessoas, a população em geral e simpatizantes da Renamo, eu não digo até membros da Renamo, quando chegam à vila Paiva (vila da Gorongosa) para comprar um saquito de farinha, com esta fome e tudo, são investigados. Perguntam-lhes onde é que levam esta comida, se esse saquito é para entregar a membros da Renamo, é-lhes arrancado tudo, são espancados, às vezes algumas famílias desaparecem. Isto é constante nestas zonas de Lourenço, de Nhataca e de Mucodza, zonas a leste da vila da Gorongosa e está a aborrecer muito a população.

O mesmo acontece na sede do distrito de Tambara, já na província de Manica, em Nhamaculo, em que tem sido também raptadas pessoas, nos bairros. É o caso de um professor no posto administrativo de Nhacafula, que foi morto por elementos das fademos (FADM) e da FIR e toda a população viu. Pegaram-no, mataram-no e o corpo desapareceu. Isto foi-nos reportado já na sexta-feira, da semana passada. São estas pequenas coisas, que deixam de ser pequenas, porque preocupam as pessoas e as populações ligam para mim, a dizer “presidente Dhlakama, afinal você deu trégua apenas para dar livre circulação às pessoas de negócios, enquanto polícias da Frelimo continuam a proibir a livre movimentação dos membros da Renamo ou da população, impedem-nos ter contacto com a Renamo”. Portanto, é este o problema e espero abordá-lo com o Presidente Nyusi, porque ele havia prometido que daria ordens para parar com essas coisas todas.

Eu quero informar os membros do Governo, sobretudo a Polícia de Intervenção Rápida, mesmo as Fademos (FADM) e a Polícia da República de Moçambique (PRM), que esta trégua não foi feita apenas para facilitar os membros da Frelimo a andarem livremente, ou para as fademos (FADM) saírem de Maputo para Gorongosa e Nampula de carro. É para toda a gente andar, nisso os militares da Renamo não podem nem levar armas e ir passar perto da



Afonso Dhlakama esperançado na paz efectiva

posição das forças da Frelimo.

Porque há trégua, os homens da Renamo podem andar a civil também daqui para Beira, daqui para Maputo e, se forem apanhados no machimbombo, não podem ser sequestrados. É que parece que o Dhlakama deu a liberdade para Frelimo fazer e desfazer e as populações, membros, simpatizantes, comandos militares da Renamo já não se estão a sentir bem, estão a criticar-me. Questionam-me: “presidente, afinal o que é isso, nós não podemos andar na estrada, a Frelimo revista-nos e tudo. Nem podemos chegar numa vila e fazer compras livremente, afinal esta trégua foi para dar liberdade à Frelimo, enquanto membros da Renamo são sequestrados”.

Portanto, quero apelar para que haja colaboração de facto, assim como já havia falado com o Presidente Nyusi para que colaborasse. Não estão a atacar as bases da Renamo, mas esta coisa de continuar a sequestrar membros da Renamo, lá em Morrotone (Zambézia), em Nhamaculo (Tambara), mesmo em Guro e a prender as pessoas que vão comprar coisas na Gorongosa tem de acabar.

Apelo aos dirigentes da Frelimo, para que tenhamos sucesso no presente e no futuro e criarmos a confiança. Ninguém quer derrubar a Frelimo, ninguém quer esconder um do outro, queremos é a paz para todos nós. Que os radicais da Frelimo dêem liberdade ao Presidente Nyusi, no esforço que ele está a tentar fazer e esperemos que os mediadores cheguem rapidamente para retomarmos com os pontos que estão na agenda e possamos concluir o acordo. Há coisas que podem ser concluídas até Março, mas outras questões podem ser arrastar, e também criarmos um ambiente de harmonia e confiança junto dos parceiros, desde a cooperação internacional, todas essas dívidas e desconfianças de que Moçambique é um país para se matar. Mas nós não somos bichos, que andamos no matto a disparar de qualquer maneira.

Quero apelar aos irmãos moçambicanos para que isso termine de uma vez para sempre, para que os moçambicanos andem à vontade e que os membros da Renamo saiam dos esconderijos, onde estão a fugir dos sequestradores e comecem a fazer as

actividades políticas.

A governadora de Sofala passou a trezentos metros de mim na Gorongosa, quando foi distribuir alimentos e foi até às posições das fademos (FADM) ver. Os membros da Renamo estavam a ver e a perguntar o que é isso, mas eu disse é a paz, deixem.

O mesmo aconteceu em Morrumbala, onde o secretário da Frelimo, juntamente com o comandante provincial, saíram de carro de Quelimane, passaram por Nicoadala, Zero e tudo, zonas controladas pela Renamo, com os nossos homens a ver, mas eu ordenei que ninguém dispare e quem o fizesse seria preso. O mesmo aconteceu em Manica, onde saiu de carro, passou de Chiuala, Honde até Tambara, e dormiu lá e nem um tiro foi disparado. Mas é lá, em Nhamaculo, Tambara, onde a Frelimo continua a sequestrar os membros da Renamo.

Portanto, é isto, sei que não é fácil, mas comece a aprender e a corresponder também aquilo que a Renamo e o Dhlakama estão a fazer, porque para mim o mais importante é a paz, com essa paz de 60 dias, até

Março, se tudo correr bem, será mais fácil assinarmos o acordo definitivo e motivar as pessoas.

O que vai acontecer finda a trégua?

Ao decretarmos essa trégua, pretendíamos, primeiro, dar paz às populações, homens de negócio para passarem bem nas vias e também diminuir mortes, não só mortes provocadas nos ataques e emboscadas, da Renamo contra a Frelimo e vice-versa, mas também aquela doença que é nova em Moçambique, o sequestro dos membros da Renamo, outros a viverem no matto com medo de serem sequestrados, portanto, era para que tudo isso parasse de facto, que experimentássemos a paz para o povo moçambicano e isso caiu bem, as pessoas estão a louvar essa iniciativa e até o povo quer que se prorrogue para além de 4 ou 5 de Março.

O que eu posso responder é que essa trégua era para criarmos a paz, criarmos um ambiente de confiança, para que o diálogo entre a Renamo e o Governo fosse feito num ambiente da paz, sem stress nas cabeças das pessoas a negociarem aí em Maputo.

Entretanto, não posso já dizer o que vai acontecer depois de Março, o que eu posso deduzir é que a expectativa de todos os moçambicanos é de ver a paz definitiva. Estamos a tentar, de facto, que os mediadores internacionais cheguem mais depressa, para retomarem com os pontos da agenda e o ritmo em que se estava, para ver se até Março temos atingido ou concluído, não tudo, mas algumas coisas, porque as negociações são exactamente para podermos criar a paz eficaz, a paz definitiva e não essa paz de 60 dias, de quarenta dias, até Março. A paz só pode ser encontrada se as soluções forem encontradas na mesa das negociações, para a democratização do país, que a Renamo e o Governo da Frelimo entendam as diferenças. As diferenças podem existir, mas que haja o princípio da democracia, democratizar o país, que as eleições sejam livres, que as

Forças Armadas técnicas e profissionais, a polícia técnica e profissional deixem de atacar as populações, de atacar a oposição, em particular a Renamo, e que olhem para o país mas eu ordenei que ninguém dispare e quem o fizesse seria preso. O mesmo aconteceu em Manica, onde saiu de carro, passou de Chiuala, Honde até Tambara, e dormiu lá e nem um tiro foi disparado. Mas é lá, em Nhamaculo, Tambara, onde a Frelimo continua a sequestrar os membros da Renamo.

Portanto, é isto, sei que não é fácil, mas comece a aprender e a corresponder também aquilo que a Renamo e o Dhlakama estão a fazer, porque para mim o mais importante é a paz, com essa paz de 60 dias, até

Março, se tudo correr bem, será mais fácil assinarmos o acordo definitivo e motivar as pessoas.

zação, mas já não é preciso que se façam outras cartas para convocá-los, porque são mediadores. É claro que naquela altura saíram do país, houve impasse, um impasse provocado pela parte do Governo e por Jacinto Veloso que foi dizer que já não era necessário que os mediadores entrassem no grupo da descentralização e seria criada uma comissão mista.

Criou um mal-estar nas pessoas, mas espero eu, e estou a falar com o Presidente Nyusi, embora não abordamos efectivamente esta questão, que o Governo indique de facto aqueles que venham, e se calhar alguns podem começar a chegar no fim desta semana que começou. Portanto, tenho esperança que volte, o que eu queria dizer é que não é preciso outras cartas, para os mediadores voltarem porque não foram expulsos, é claro que o Governo tem de dizer-lhes que venham, porque não podem entrar ilegalmente, mas continuam a constar nos termos de referência que são mediadores neste conflito entre a Renamo e o Governo e quero acreditar que não vão voltar.

Se voltarem de facto, o formato pode não ser todos na mesma sala a tratar um assunto, vai haver dois grupos, porque isso já não é um segredo. Um grupo irá tratar do assunto da descentralização da administração do Estado, com alguns da Renamo e do Governo e os mediadores, e um especialista nesta área da descentralização, será o subgrupo. O outro subgrupo encarregar-se-á por questões militares, isto é, a questão da defesa e segurança, também com alguns da Renamo, do Governo e da mediação e um especialista na matéria militar. Isso vai acontecer, não é segredo, está sendo falado, é claro que ainda não foram constituídos os grupos, para que de facto as coisas andem mais depressa.

Nas conversas com o Presidente da República, sente que ele está comprometido com este processo?

Bom, é uma tentativa. Ele é Presidente, a polícia técnica e profissional deixem de atacar as populações, de atacar a oposição, em particular a Renamo, e que olhem para o país mas eu ordenei que ninguém dispare e quem o fizesse seria preso. O mesmo aconteceu em Manica, onde saiu de carro, passou de Chiuala, Honde até Tambara, e dormiu lá e nem um tiro foi disparado. Mas é lá, em Nhamaculo, Tambara, onde a Frelimo continua a sequestrar os membros da Renamo.

Portanto, é isto, sei que não é fácil, mas comece a aprender e a corresponder também aquilo que a Renamo e o Dhlakama estão a fazer, porque para mim o mais importante é a paz, com essa paz de 60 dias, até

Março, se tudo correr bem, será mais fácil assinarmos o acordo definitivo e motivar as pessoas.

diferente dos outros, porque quer também que a paz venha para ficar, mas, para tal, é preciso encontrarmos, nós os líderes, aquilo que divide os moçambicanos, aquilo que tem provocado sempre o conflito militar e encontrarmos uma solução. Se nós não nos conhecermos e não nos falarmos, por mais que os nossos subordinados estejam na mesa das negociações podem não se entender porque os líderes, cada um tem a sua posição e a marcar passo. Portanto, é um modelo que estamos a tentar, para aproximarmos, nos conhecermos, aliás, eu fiz isso com

o ex-presidente Chissano antes do Acordo Geral de Paz em Roma, já falava com ele, em Botswana, Gaborone e mesmo lá em Roma, quando assinamos o acordo, já nos conhecíamos assim, dessa maneira, e é isso que eu estou a tentar fazer, estou a falar com ele. Mas não posso esconder, não sei se de facto irá cumprir, porque ele é membro da Frelimo, foi escolhido pela Frelimo para ser candidato e eu acho que, às vezes, não pode fugir muito da estratégia e a cultura da própria Frelimo. Mas pelo menos estou a tentar fazer, porque a paz é muito importante. E a

paz só pode ser permanente, se a Frelimo concordar que as eleições devem ser livres e transparentes, que o povo deve decidir quem deve governar.

Enquanto a Frelimo continuar a pensar que só cabe à Frelimo decidir quem pode governar, a paz será difícil de ser alcançada. É preciso democratizar Moçambique. É preciso que as instituições sejam realmente do Estado, democráticas, que não pertençam ao partido no poder. É isso que estamos a tentar, nos aproximarmos. Não é fácil. É um trabalho muito duro e muito complicado.

## “Se tudo correr bem, acredito que em Março ou Abril estarei em Maputo”

Falando dos ex-presidentes, a Renamo recusou a intervenção de Joaquim Chissano nas negociações da paz?

Não. Não é bem isso. Já que estás a perguntar, vou dizer um segredo que eu não queria dizer. De facto, o ex-presidente Joaquim Chissano manifestou o interesse em ajudar, não em ser mediador, mas facilitador, porque há algumas coisas que ele conhece do processo da paz. As pessoas não podem esquecer que foi ele que assinou o acordo comigo, que foi ele que não cumpriu com o Acordo Geral de Paz e foi ele que começou a mandar correr os nossos homens nas fademos (FADM). Essas coisas que estamos hoje a resolver foram criadas no tempo da administração dele, as pessoas não podem ter receio de dizer como é que as coisas começaram a andar mal, foi no tempo dele, se ele tivesse implementado aquilo que nós combinamos em Roma, se calhar não estaríamos em guerra.

Portanto, ele manifestou, há três meses, que poderia ajudar com a sua experiência, não estar na mesa, essa informação chegou-me, eu pessoalmente disse que estava bem, a Renamo concordaria com isso, mas era preciso que o lado do Governo também aceitasse a iniciativa do ex-presidente Joaquim Chissano. Eu não falei com ele pessoalmente, mas os meus homens ligados ao assunto falaram com ele, transmitiram-me e eu, nessa altura, de facto, falei com o presidente Nyusi, para ver se ele estaria disposto, para que ele fizesse parte, não da mediação, mas ser facilitador. O Presidente Nyusi disse que ia analisar o caso e a coisa morreu desta maneira.

Só que depois o presidente Chissano fez uma declaração que não caiu bem junto, não só da Renamo, mas nas pessoas. Ele dizia que devia ser convidado para ser útil, e disse ainda que a Renamo não podia pretender levar o poder pela via militar. Foi quando o Muchanga disse que o presidente Chissano não pode falar como se fosse uma pessoa honesta nesta questão, porque tudo isso que está a retardar o desenvolvimento e a democracia, ele é que começou no seu primeiro mandato, uma

vez que ele é que assinou o acordo. Então, foi assim como a questão andou.

Admitindo todo o contexto, há esperanças para o seu regresso a Maputo?

Eu estou cá na Gorongosa e sabe como eu vim cá parar, não é a minha casa, mas me senti à vontade depois daquelas emboscadas de 2015 em Manica e, quando vieram cercar a minha casa na Beira, eu não esperava o vandalismo que o Governo fez para mim, mas eu já me esqueci disso, não guardo rancor.

Sim, se assinarmos o acordo definitivo e a segurança for restabelecida, à maneira como pensamos em viver, sem perseguição e sem pensar nas emboscadas, sem dúvidas terei de chegar em Maputo, não é necessariamente para viver, em qualquer parte posso viver. Espero que isso acabe o mais depressa possível.

Se tudo correr bem, sobretudo, a questão de negociação, e concluirmos aquilo que estamos a tratar na mesa das negociações, acredito que em Março ou Abril poderei estar em Maputo, a andar livremente, a retomar as actividades políticas. As eleições autárquicas de 2018 estão à porta e é preciso prepararmos com tempo.

Sabem que em 2014 eu assinei o Acordo de Cessação das Hostilidades com o ex-presidente Armando Guebuza já em campanha, e isto não é bom, é preciso que os outros partidos preparem-se. Gostariamos que tivéssemos tempo de nos preparar, para as autárquias.

É preciso que façamos esforços para transmitirmos a imagem de um país em paz, com mercado que as pessoas dos países europeus, asiáticos, africanos podem vir investir, para o desenvolvimento deste país, criar emprego e joint venture com os moçambicanos.

Neste país não faz sentido que as pessoas estejam a morrer, com potencial no mar e terras boas para agricultura, não faz sentido que os moçambicanos estejam a morrer à fome, só por falta de boas políticas.